

Boas tardes!

Em nome do ICEA, agradeço a vossa presença, assegurando-vos desde já, que não vão dar por mal empregue o tempo que aqui vão passar.

Na verdade, a presença do Sr. Secretário de Estado do Mar, Professor Doutor Manuel Pinto de Abreu, é disso garante.

Infelizmente o Dr. Tiago Pitta e Cunha que, conforme anunciado, devia fazer a comunicação de abertura deste Ciclo sobre a "Economia do Mar", não pode estar presente por ter tido, inopinadamente, de se deslocar aos Açores e só poderia estar em Lisboa hoje à noite.

A Direcção do ICEA resolveu encarregar-me de dizer algumas palavras sobre o tema que iria abordar.

Como V. Exas sabem, o conhecimento não é exclusivo de ninguém, está ao alcance de todos, mas a qualidade das comunicações do Dr. Pitta e Cunha é muito elevada, já tive a oportunidade de as ouvir e de ler o que escreve e sei do que estou a falar, daí a maior dificuldade da tarefa que me foi atribuída. Espero a Vossa compreensão.

Também vos queria garantir que o interesse pelo Mar, por parte do ICEA, não é de agora.

Desde a sua fundação, vão fazer 10 anos em Fevereiro de 2013, o ano do fim da "crise" que, já agora aproveito para citar um estimado colega de direcção, Sr. António Carlos Serra, que considera que isto não é nenhuma crise, mas sim uma situação nova e que a temos que encarar como tal. Acho que é nova para aqueles que nunca a viveram, mas é antiga para os mais velhos que a viveram mas que pensaram que nunca mais voltava a acontecer.

Mas, dizia eu, o Mar sempre foi tema constante das actividades do ICEA que o Sr. Presidente, ainda que forma sucinta, acabou de enunciar.

Não é, portanto, por toda a gente andar a falar do mar, que o ICEA também começou.

O ICEA já se fez ao mar há muito tempo.

A Ligação de Portugal ao mar vem desde a sua fundação, mas é com D. Dinis, consolidada que estava a posse deste rectângulo de 500x200 km., um pouco mais para cada lado, que a marinha se começou a organizar com a contratação do Almirante Pessanha e o desenvolvimento das relações comerciais com a Hansa e também o da pesca longínqua.

Todos estes conhecimentos vão ser consolidados na chamada Escola de Sagres - era em Lagos - até que com D. João II se atinge a "perfeição" (ele era o "Príncipe Perfeito")

Portugal só foi grande quando se virou para o Mar, infelizmente, de modo recorrente, não se soube aproveitar os ganhos para se conseguir um desenvolvimento sustentado.

Esta realidade geográfica faz-me sempre lembrar o título de uma obra, de cujo autor não me ocorre agora o nome, a *Jangada de Pedra*.

Os nossos antigos perceberam, desde cedo que nós não eramos da "Europa" e que a nossa sobrevivência estava no "mar oceano".

Quando, fechado o ciclo do Império, se pensou que o desígnio do Mar já não fazia sentido e agora tínhamos era que ir para a "Europa" foi o desastre completo. Uma vez mais se desperdiçou a oportunidade de se construírem as bases para um desenvolvimento sustentável.

Em Junho de 2003, o XV Governo Constitucional, determinou a organização de um Grupo de Trabalho, de alto nível, designado por Comissão Estratégica dos Oceanos com a missão de definir uma estratégia nacional para o Mar. Pela primeira vez, diz o Dr. Pitta e Cunha, Portugal predispunha-se a pensar o "mar", como um todo. Na minha modesta opinião, acho que não foi a primeira, já que, como disse, ele tinha sido pensado, cientificamente estudado e posto em prática, de forma incontornável nos sécs. XV e XVI.

"Os trabalhos daquela Comissão culminaram com a apresentação dum Relatório intitulado "O Oceano: um desígnio para o séc. XXI", que longe de ser um relatório técnico sobre a gestão dos assuntos do mar, procura pensar a integração política de Portugal num tempo e num espaço geográfico (cf. *Portugal e o Mar*, Tiago Pitta e Cunha)

A aposta na MARITIMIDADE do país significaria também um reposicionamento estratégico e psicológico, porque em vez de periféricos passávamos à realidade, inconveniente para os decisores da "Europa", da nossa centralidade face às "auto-estradas" do mar que passam nesta costa de 1000 km de extensão a verdadeira fronteira atlântica da Europa.

Foi com estes pressupostos que a Comissão proclamou a sua visão de que "UM OCEANO SAUDÁVEL, SUSTENTÁVEL E SEGURO É O PRINCIPAL ACTIVO ECONÓMICO E SOCIO-CULTURAL DE PORTUGAL", assumindo como missão "DESTACAR PORTUGAL COMO UMA RELEVANTE NAÇÃO MARÍTIMA DA UNIÃO EUROPEIA"

Vejamos como a Comissão propunha que esta Missão se concretizasse:

1º OBJECTIVO:

VALORIZAR A ASSOCIAÇÃO DE PORTUGAL AO OCEANO COMO FACTOR DE IDENTIDADE.

Pelo que já disse e V. Exas. bem sabem, foi o mar, em todas as vertentes possíveis de explorar ao longo dos tempos, que nos deu esta identidade tão diferenciada que nos é própria, ainda que um tanto mitigada, agora, pela standardização das sociedades ditas civilizadas (todos fazem, comem, vestem e dizem as mesmas coisas em qualquer parte) e que constitui aquilo a que se chamou a "globalização". Portanto o que a Comissão chamava a atenção era para a necessidade de retomar este viver com o Mar que foi sempre a "the portuguese way of life".

2º OBJECTIVO:

ASSEGURAR O CONHECIMENTO E PROTECÇÃO DO OCEANO.

De facto hoje temos a Lua completamente mapeada, conhece-se Marte e os outros planetas, mas nem 5% do fundo dos oceanos se conhece!
E o que não se conhece não se protege nem se ama.

3º OBJECTIVO

PROMOVER O DESENVOLVIMENTO SUSTENTADO DAS ACTIVIDADES ECONÓMICAS.

Não deixa de ser curioso que em Outubro de 2003, na Academia de Marinha, o saudoso Professor Ernâni Lopes tenha proferido uma conferência intitulada "O Mar no futuro de Portugal. Uma abordagem estratégica"., em que sistematizava toda esta problemática, apresentando igualmente os caminhos e procedimentos para a completa rendibilidade do nosso imenso Mar.

Foi, naturalmente, este 3º Objectivo o que, de longe, a Comissão mais desenvolveu.

4º OBJECTIVO

ASSUMIR INTERNACIONALMENTE UMA POSIÇÃO DE DESTAQUE E DE ESPECIALIZAÇÃO EM ASSUNTOS DO OCEANO.

Desiderato este que não se pode atingir invocando apenas os nossos feitos históricos. Já na Conferência de Berlim, os nossos direitos históricos e antiguidade em África não tinham tido qualquer valimento.

Temos é que mostrar o que sabemos e somos capazes de fazer, ganhar credibilidade para que nos aceitem e respeitem. E, de todo, não é querer ser da "Europa" que o vamos conseguir. É um trabalho ciclópico e de longa duração.

5º OBJECTIVO

CONSTRUIR UMA ESTRUTURA INSTITUCIONAL MODERNA DE GESTÃO DO OCEANO.

Para se conseguir atingir os Objectivos precedentes, a concretização deste é fundamental. É impensável continuar-se com a estrutura burocrática actualmente "em curso".

E vou agora citar, uma vez mais, o Dr. Pitta e Cunha:

"Infelizmente, esta aposta, seis anos passados, está ainda longe de se materializar, mas o relatório da Comissão Estratégica com as suas propostas, permanece aberto, plenamente actual e poderá continuar a servir de inspiração para os decisores do futuro" (sic, *Portugal e o Mar*. 2011)

Propõe ele ainda no mesmo livro:

"O que urge é criar uma pasta para a coordenação dos assuntos marítimos que tenha, à partida, uma palavra decisiva, embora partilhada com as tutelas sectoriais em todas "zonas azuis" de todas as políticas públicas de todas as tutelas ministeriais".
Permitam-me a minha opinião:

Esta pasta já existe! É o Ministério da Defesa que, diga-se de passagem já teve a tutela dos Assuntos do Mar e detém ainda a dos estaleiros navais do Estado.
É tempo de o Ministro da Defesa deixar de ser olhado como o ministro da "tropa", apenas. O recurso às FA, como sabem é o último a que uma Nação deve recorrer.

Vou agora referir-me sucintamente ao Ciclo de conferências hoje inaugurado:

“À (RE) DESCOBERTA DO ATLÂNTICO” que o ICEA vos propõe.

Do folheto que vos foi distribuído constam os tópicos que irão ser abordados durante um ano, pelos maiores especialistas em cada uma das áreas que constituem a estrutura do aproveitamento de todas as potencialidades ligadas ao Mar e de que Portugal dispõe. Como disse no início destas breves palavras, o ICEA tem como objectivo contribuir, com as "forças" que tem, para a difusão do conhecimento do enorme potencial do nosso imenso "Mar Oceano" e consciencializar todos, todos sem excepção, da extraordinária oportunidade para a revitalização da nossa economia e consequente nossa independência. Não se trata de falar para elites, por eleitos que pairam a grande distância da massa-alvo a que se destina, mas todos, sem complexos, devem vir ouvir e ver o que lhes propomos pois assim poderão, também todos tornar-se, eles próprios, difusores daqueles conhecimentos.
Para poderem complementar ou aprofundar estes conhecimentos indico alguma bibliografia facilmente disponível:

- *O mar no séc. XXI* - Cmt. Dias Correia
- *O Hypercluster da Economia do Mar* – Coord. Prof. Ernâni Lopes - SaeR – Assoc. Comercial de Lisboa
- *Portugal e o Mar* - Dr. Tiago Pitta e Cunha
- “Nação e Defesa” – *Portugal e o Mar*, IDN - Verão de 2004
- “Nação e Defesa” – *O Mar no espaço da CPLP*, IDN - nº 129

Queria a terminar, falar-vos ainda de um dos males dos nossos tempos e que é a iliteracia. Dantes Portugal era apontado pelo seu elevado grau de analfabetismo! Todavia as pessoas por não saberem ler nem escrever, não deixavam de ser inteligentes e de conseguirem desenvolver as suas actividades. O gravoso é, na minha opinião, o que se passa actualmente! A escolaridade obrigatória já vai no 12º ano, mas estranhamente, as pessoas não sabem interpretar as coisas mais simples, nem sequer preencher um pequeno formulário, já para não falar da falta de cultura que por aí grassa.
Se para aqueles havia alguma desculpa, porque muitas vezes, por falta de meios ou por necessidade não acediam a uma escolaridade mínima, estes hoje não têm qualquer desculpa.

E é este o verdadeiro contributo que o ICEA pretende dar com a realização deste Ciclo:

Proporcionar os meios para uma verdadeira **LITERACIA DO MAR**.
Obrigado.

José Ferreira Durão